

O SUBLIME NA LAMA

[GLORY HOLE]

BRUNO SCHIAPPA



GLORY HOLE

TEXTO E ENCENAÇÃO: Tiago Torres da Silva

ASSISTÊNCIA DE ENCENAÇÃO: Tiago Fernandes

ELENCO: Augusto Portela, Baltazar Marçal, Sandra Rosado, Tiago Torres da Silva

CENOGRAFIA E FIGURINOS: Hugo F. Matos

DESENHO DE LUZ: Tiago Torres da Silva, Hugo F. Matos, Ricardo Ladeira

COMPOSIÇÃO: Mike Ghost, André Hencleeday

LOCAL E DATA DE ESTREIA: Teatro Taborda, Lisboa, fevereiro de 2025



BRUNO SCHIAPPA

CENTRO DE ESTUDOS DE TEATRO DA FACULDADE DE LETRAS
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA (CET-FLUL)

SINAIS DE CENA

SÉRIE III NÚMERO 4
JUNHO DE 2025

Entramos na sala do Teatro Taborda, sem saber exatamente ao que vamos. Apenas o que nos indica o texto da folha de sala e algumas abordagens do autor nas redes sociais que situam o espetáculo entre os espaços de sexo fortuito com desconhecidos, usando-o como metáfora para a função generalizada das redes sociais que, com os seus filtros, parecendo que expõem, de facto escondem o que de mais profundo pode existir para além dos laços demasiado efémeros e superficiais que aí se estabelecem.

No palco, um biombo cumpre a função das pequenas cabines e/ou compartimentos de saunas, clubes de sexo ou *sex shops*, onde se fazem os buracos que permitem o sexo oral e/ou anal fortuito e anônimo e que dão título ao espetáculo: *Glory Hole*.

Uma luz de cor ébano amarelo-torrado ilumina, a partir de cima e gradualmente, o biombo que tapa os que se vão satisfazer sexualmente e o banco onde está sentado Joaquim (Augusto Portela) que os satisfaz – e, desse modo, a si mesmo. Os que vão ao *Glory Hole* vão com a ilusão de nutrir o seu desejo imediato: ter prazer. Um prazer que nunca é satisfeito devido às limitações sociais que criam fantasmas em torno de uma fantasia homoerótica, marginalizada no decorrer dos tempos pelas alterações sociais, médicas e religiosas que foram espartilhando as práticas sexuais homo e heteroeróticas, desde a Grécia Antiga até aos nossos tempos.

Um rapaz de nome Ricardo (Baltazar Marçal) fala por trás do biombo. Percebemos as suas mãos e pés, numa coreografia que é um misto de sensualidade e abordagem ao outro. A conversa entre ambos – Joaquim e Ricardo – oscila entre o sociável, o engate imediato e o conflito pela tentativa de saber quem é o outro.

GLORY HOLE, DE TIAGO TORRES DA SILVA, TEATRO DA GARAGEM/TEATRO TABORDA, 2025
(SANDRA ROSADO E BALTASAR MARÇAL), [F] VITORINO CORAGEM.



Ricardo conhece Joaquim através do filho deste. Essa revelação é inquietante para o segundo. Vão-se tecendo considerações sobre a vida, o fortuito, a vontade de permanecer anônimo na busca do saciar do desejo de modo imediato, sem consequências, sem pistas, sem provas.

É aqui que surge a ideia do sublime na lama. A poética da/s solidão/ões que encontra nestes espaços aquilo que é mais almejado e, nesse sentido, colmatado com o toque: a continuidade. Segundo Rudolph Steiner (1861-1925), a continuidade, ligada ao sentido do tato, perde-se com o corte do cordão umbilical e a sua quebra implica uma busca incessante de recuperação desse conforto perdido, que pode instaurar comportamentos à margem do que é considerado “normal”.^[1]

Joaquim acaba por se ir embora sem concretizar o saciar do desejo, escondido da sociedade, que o move quotidianamente num frenesim quase vampírico – aqui no sentido de que também o vampirismo é uma simbologia do saciar sem critério na escolha.

Ricardo fica e aguarda. Já tinha desrido as calças e tirado os sapatos por trás do biombo, escondido dos olhos dos espectadores.

Surge então um momento de onirismo dentro do onírico, ou seja, o que é fantasia (sonho em vigília) e o que é miragem, a personagem designada como Mulher Invisível. A Mulher Invisível (Sandra Rosado) é, aparentemente, a mulher da limpeza que informa que são horas de fechar e que todos devem sair para evitar problemas com a polícia. Mas o seu papel não é apenas esse. Vai ouvindo Ricardo e acompanha o seu pensamento como se lhe desse colo. Funciona como um ponto

da situação. Um coro que comenta o que está no fundo da inquietação dele. O que está em causa é a solidão e atração por um homem mais velho, que seria disruptiva naquele sistema construído sobre a escuridão confortável de quem pretende o anonimato.

A Mulher Invisível conta a Ricardo que, quando o viu, achou que ele precisava de um abraço, mas não referiu que lho daria de bom grado. Ricardo responde que ainda aceitava e podia receber esse abraço.

Todo este jogo de estrutura poética direciona o espetáculo para um grito de socorro perante a solidão. A própria figura da Mulher Invisível é inspirada em Mísia, segundo o próprio Tiago Torres da Silva, numa homenagem do autor e encenador, seu amigo pessoal, à cantora, também ela vítima de solidão.

Na cena seguinte, surge a personagem do Homem da Limpeza, representada por Tiago Torres da Silva, que cumpre, desse modo, também a função de ator, para além de autor e encenador. A personagem nega a existência da Mulher Invisível, quando Ricardo lhe pergunta por ela.

Joaquim regressa ao espaço do *Glory Hole*. Ricardo, depois de induzir Joaquim a dizer alto “Eu sou uma bicha velha”, de modo a que se dê alguma catarse na sua dor por ter o desejo “embuçado”, confessa que, quando o viu, sentiu que ele precisava de um abraço.

Joaquim responde que ainda aceitava e ainda podia (gostava de) sentir esse abraço. A luz diminui enquanto uma bola de espelhos se ilumina e se aproxima dos dois “titãs” da solidão, que ficam, depois de um *black out* muito gradual, no escuro pouco antes de se conseguir perceber um beijo.

[1] Tese pronunciada na Conferência em Dornach (Suíça), a 12 de agosto de 1916.

GLORY HOLE, DE TIAGO TORRES DA SILVA, TEATRO DA GARAGEM/TEATRO TABORDA, 2025
(AUGUSTO PORTELA E BALTASAR MARÇAL), [F] VITORINO CORAGEM.



O que temos neste espetáculo é um trabalho de um grande autor português capaz de captar os mais profundos escombros de uma sociedade que pune – como uma sombra católica que, apesar de fantasma, cumpre o seu “vigar e punir” – devido a uma tradição de preconceito enraizada há demasiado tempo. Numa assinatura equiparável a Genet, Tiago Torres da Silva consegue, com a sua pena, valorizar o sublime na lama através de um toque poético, sobretudo tratando-se de um tema sobre o qual ainda há muitos pruridos e que poucos abordam com a seriedade merecida.

Todas as interpretações são naturalistas, com Augusto Portela a provar que ainda está em grande forma no seu trabalho de ator. Também o guarda-roupa é intocável, mantendo uma coerência com o registo dos atores, ou seja, elaborado a partir do quotidiano atual, apenas com um rasgo surreal, mas de bom gosto e muito elegante, no vestido e nos coturnos com que surge a Mulher Invisível na segunda vez. A luz, minimalista e com alterações muito pontuais, está coerente com o tema do espetáculo, proporcionando a sensação do que é permitido ver quando se está onde não se é suposto ser visto.

Quem é *performer* tem no espetáculo (palco ou audiovisual) o seu *glory hole* porque quase todos (senão todos) os que enveredam por essa via sentem uma solidão interior e, naquele momento, recebem a ilusão de serem amados e tocados, num momento que parece infinito mas que é – ou não – efémero.

